



**Programa de pós graduação lato sensu
especialização em linguagens artísticas, cultura e educação.**
Campus Nilópolis

Amanda de Souza Melo

O MENINO QUE DORMIA DENTRO DO SEU CHAPÉU:
uma contação de história para crianças com a temática morte

Nilópolis/RJ
2016

Amanda de Souza Melo

O MENINO QUE DORMIA DENTRO DO SEU CHAPÉU:
uma contação de história para crianças com a temática morte

Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em linguagens artísticas, cultura e educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Coutinho

Nilópolis/RJ
2016

Amanda de Souza Melo

O MENINO QUE DORMIA DENTRO DO SEU CHAPÉU:
uma contação de história para crianças com a temática morte

Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em linguagens artísticas, cultura e educação.

Data de aprovação: ____/____/____

Profª. Dra. Ângela Coutinho (Orientadora)
IFRJ

Profª. Mestre Ana Luisa Soares da Silva
IFRJ

Prof. Doutor João Luiz Guerreiro Mendes
IFRJ

Nilópolis/RJ
2016

Dedico esse memorial à todos que doaram o seu belo trabalho para me ajudar a construir um sonho, ao Genilson Barbosa, Simone Vidal e Taty Maria que acreditaram no meu trabalho antes de mim mesma; ao meu querido Éder Rodrigues que me emprestou toda a sua delicadeza em forma de texto; à minha amiga Bia Quadros por me ouvir, aconselhar, acolher e ainda me presentear com sua arte; ao Mati Lima pelas horas de sono, talento e ao seu grande amor pela arte; ao Rodrigo Fleck pelo seu olhar sensível e por aceitar as aventuras e parcerias ao lado de uma atriz; aos meu pais Mauro e Fátima que durante toda a minha trajetória artística sempre estiveram presentes e me apoiando; e por fim, dedico às crianças que me alimentam com esperanças e com o desejo de sempre querer fazer o melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora professora Ângela Coutinho pelo conhecimento e inspirações; aos membros da banca professora Ana Luisa Lima e professor João Guerreiro pela disponibilidade e carinho pelo meu trabalho; aos meus colegas e professores da pós-graduação do Instituto Federal do Rio de Janeiro pelas risadas, aprendizados e momentos felizes; agradeço aos responsáveis que me cederam os espaços para a apresentação, o Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas, a Biblioteca Parque de Manguinhos em especial às amigas Carla Eloi e Mozileide Neri, a Arena Carioca Dicro e ao Coletivo sem Ribalta em especial à amiga Sluchem Cherem; agradeço também ao professor Eugênio Tadeu da UFMG pelo apoio inicial e por suas belas referências de trabalhos com crianças; e agradeço à todos os parceiros que me ajudaram nessa produção, a produtora Arrastão de Ideias, Éder Rodrigues, Mati Lima, Rodrigo Fleck e Beatriz Quadros.

Meu muito obrigada!

MELO, Amanda de S. *O menino que dormia dentro do seu chapéu*: uma contação de história para crianças com a temática morte, 64 p. Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em linguagens artísticas, cultura e educação, Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, RJ, 2016.

RESUMO

O seguinte memorial de produto cultural visa descrever o processo de pré-produção, produção, apresentação e recepção da contação de história *O menino que dormia dentro do seu chapéu*, história voltada às crianças e que possui a temática morte, apresentada na cidade do Rio de Janeiro nos dias 04, 10, 11 e 12 de junho de 2016, no Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas, Biblioteca Parque de Manguinhos, Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira - Dicro e Praça Afonso Pena, respectivamente.

Palavras-chave: Teatro 1. Criança 2. Morte 3. Narrativa 4.

MELO, Amanda de S. *O menino que dormia dentro do seu chapéu: uma contação de história para crianças com a temática morte*, 64 p. Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em linguagens artísticas, cultura e educação, Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, RJ, 2016.

ABSTRACT

The following memorial of cultural product aims at describing the pre-production process, production, presentation and reception of storytelling The boy that slept inside of his hat, story aimed for children and has death theme, exhibit in Rio de Janeiro on days 04, 10, 11 and 12 June 2016, the Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas, Biblioteca Parque de Manguinhos, Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira - Dicró and Praça Afonso Pena, respectively.

Keywords: Theater 1. Children 2. Death 3. Storytelling 4.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 FICHA TÉCNICA.....	9
1.2 SINOPSE.....	9
2. DIÁRIO DE TRABALHO	10
3. CENÁRIO, ADEREÇOS E FIGURINO.....	21
4. CRONOGRAMA.....	25
5. ORÇAMENTO.....	26
6. APONTAMENTOS SOBRE OS LOCAIS DE APRESENTAÇÃO.....	27
6.1 CENTRO CULTURAL MUNICIPAL PARQUE DAS RUÍNAS.....	27
6.2 BIBLIOTECA PARQUE DE MANGUINHOS.....	28
6.3 ARENA CARIOCA CARLOS ROBERTO DE OLIVEIRA – DICRÓ.....	28
6.4 PRAÇA AFONSO PENA – TIJUCA.....	29
7. PÚBLICO ATINGIDO.....	30
8. FORMAS DE DIVULGAÇÃO.....	34
9. PLANOS FUTUROS.....	37
10. REFERENCIAL TEÓRICO DA CONCEPÇÃO DO PRODUTO.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
APÊNDICES.....	44
ANEXOS.....	52

1. INTRODUÇÃO

O seguinte produto cultural descrito nesse memorial consiste em uma contação de história chamada O menino que dormia dentro do seu chapéu, voltada às crianças e que possui a temática morte, apresentada na cidade do Rio de Janeiro nos dias 04, 10, 11 e 12 de junho de 2016, no Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas, Biblioteca Parque de Manguinhos, Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira - Dicró e Praça Afonso Pena, respectivamente.

1.1 FICHA TÉCNICA

Concepção e atuação: Amanda Melo.

Autor da história: Éder Rodrigues.

Cenário: Amanda Melo.

Adereços: Mati Lima.

Figurino: Amanda Melo.

Ilustrações do cartaz: Beatriz Quadros.

Arte do cartaz: Amanda Melo.

Fotografia: Rodrigo Fleck.

Filmagem: Arrastão de Ideias.

Produção: Amanda Melo e Arrastão de Ideias.

1.2 SINOPSE

Toda noite o menino dorme dentro do seu chapéu, até que um dia o chapéu desaparece, e agora, como dormir? A busca pelo chapéu mobiliza a todos da casa, mãe, avó, irmã, gato e tartaruga. Durante a procura, o menino é invadido por lembranças, saudades, risos e tristezas. Afinal, como continuar sem o chapéu?

Com o chapéu metaforizando a ausência de um pai, a história do autor mineiro Éder Rodrigues foi finalista do Prêmio Monteiro Lobato de contos infantis SESC/DF 2010 e fala sobre perda e morte de forma leve e poética, mostrando às crianças e até aos mais crescidinhos, como lidar com as perdas que a vida nos surpreende.

2. DIÁRIO DE TRABALHO

Sobre “era uma vez...” ou o início de tudo (Rio de Janeiro 12/04/2016).

“Era uma vez uma pequena menina atriz que sonhava, que como num passe de mágica, iria ter uma plateia para ouvir as suas histórias, e essas entrariam nos corações de todos, dos mais novinhos aos velhinhos e assim, o seu objetivo de encantar com palavras iria se concretizar e todos viveriam felizes para sempre. Mas a pequena menina atriz percebeu que os sonhos, quando estamos de olhos abertos e bem abertos, possuem seus pés fixos no chão e o final feliz, quando vem, não vem tão fácil assim (...)”

Atriz desde os meus 12 anos de idade comecei a contar histórias há 4 anos. Nessa época, com 26 anos me mudei para o Rio de Janeiro para morar e trabalhar, mas eu não conhecia ninguém nessa cidade, vim apenas com determinação e um pouco de dinheiro no bolso. A imagem de uma mulher completamente independente sempre me atraiu e eu já mantinha essa imagem desde formada com 23 anos, período no qual morava em Belo Horizonte.

Mas agora, a paulista, apaixonada pelas Minas Gerais, queria, sem nenhum motivo aparente, viver no Rio. Mas como continuar sendo a mulher independente que eu era, com a profissão que eu escolhi e morando na cidade com custo de vida dos mais caros do país? Uma vida de luta, que sempre parece longe de um final feliz, financeiramente falando é claro.

Eu que nunca havia trabalhado com crianças, tive nelas a minha primeira oportunidade de emprego na capital carioca. Comecei fazendo teatro infantil e aprendendo a me comunicar com as crianças, em seguida me veio a oportunidade de trabalhar com festas infantis, mas nessas festas eu como atriz iria precisar contar histórias. E agora?

A necessidade financeira me apresentou ao mundo das histórias. Até hoje me lembro das primeiras histórias contadas nas festas e o meu desespero de encarar as crianças e os pais delas. Hoje as crianças são o meu combustível e as histórias contadas só aumentaram.

Desde sempre quis ser atriz e sou atriz. Como professora de teatro a minha passagem foi curta, acredito que sou melhor no palco do que fora dele, além é claro do salário de professor desanimar qualquer um. Mas, mesmo não querendo seguir carreira acadêmica, sempre gostei do espaço da universidade e o desejo de voltar a estudar já estava me perseguindo há um tempo.

A luta constante por trabalho não me deixava focar nos estudos, foi então que um problema de saúde me fez parar e focar. Então o que pesquisar? Teatro infantil foi a resposta.

Como eu estava totalmente inserida nesse contexto e já que a forma com que era tratado o teatro infantil no Rio de Janeiro me decepcionava totalmente, estava nascendo aí um tema de pesquisa.

Como eu já disse, a parte prática da minha profissão é o que lateja em mim, por isso quando vi a possibilidade de realizar um memorial como TCC, não tive dúvidas. Porém, eu que já perdi a conta de quantos espetáculos e contações de histórias realizei, tive medo de optar pelo memorial, pois 90% do que faço é terceirizado, e ser produtora de mim mesma seria um desafio. A realização do produto cultural sendo obrigatória para o meu título de pós-graduação me obriga a realizá-lo sem desculpas inventadas, pensando nisso que o desafio foi aceito.

Para focar ainda mais o trabalho, decidi que iria fazer um espetáculo infantil com o tema morte, por se tratar de um tema difícil de ser explorado, mas importante e particularmente empolgante para mim. O texto escolhido seria A mulher que matou os peixes de Clarice Lispector, que fala exatamente com as crianças sobre perda e morte. Quando contei a ideia à minha orientadora ela adorou.

Então veio a fase onde tudo parecia perfeito, eu tinha um texto que eu adorava e gostaria de montar, eu tinha a ideia de um espetáculo teatral com música ao vivo, eu tinha inclusive uma produtora cultural de amigos empolgados com a ideia e tinha uma orientadora interessada no meu tema e feliz com a minha pesquisa. De tudo só ficou a querida orientadora interessada.

O primeiro item descartado foi o texto. Descartei, pois eu precisaria dos direitos autorais e fui orientada por fontes seguras a nem tentar, pois os direitos da Clarice Lispector são muito difíceis de conseguir e eu não teria tempo e nem dinheiro para isso.

A música ao vivo foi descartada quando me dei conta que eu não teria dinheiro para investir em um preparador vocal para mim, além de exigir recursos técnicos que só seriam possíveis na base de uma boa amizade ou também de dinheiro. A ideia de realizar um espetáculo teatral não aconteceu também por precisar de muito investimento financeiro. A chance de ter uma produtora cultural foi embora junto com os peixes mortos da Clarice, pois o interesse dela seria produzir o espetáculo baseado no livro da Lispector.

Sei que é possível sim realizar um espetáculo teatral gastando o mínimo possível, na minha conclusão de curso de graduação em Teatro eu realizei uma montagem, modéstia a parte, linda, com 5 atores em cena, um iluminador, um preparador corporal e um diretor incrível e todos doando o seu trabalho. Mas hoje é outra realidade, e vi na contação de histórias uma possibilidade mais barata, porém igualmente linda de arte para ser realizada.

Decidi então realizar um espetáculo de contação de histórias, assim eu não precisaria necessariamente de iluminação, cenário, música e nem direção. Não quero assim sugerir que a contação de histórias seja uma arte menor, de forma alguma, é apenas diferente e talvez até mais difícil já que recursos técnicos não estão presentes para me auxiliar. Na arte de contar histórias a magia só acontece entre o contador e o seu público.

Com os pés fixos no chão escrevo o meu projeto de memorial, mas uma semana antes de entregá-lo eu viajei a São Paulo para fazer um curso de contação de histórias com a Clara Hadad, um curso ótimo, mas que deu um nó na minha cabeça.

Lembrando que a minha formação é como atriz e que apesar de eu contar histórias há 4 anos eu nunca tinha feito um curso específico sobre a arte de contar histórias, por isso nunca me intitulei contadora de histórias e sim de uma atriz que também conta histórias.

A primeira discussão no curso foi sobre a diferença entre teatro e contação de histórias e foi já aí que o nó na minha cabeça começou.

Na minha cabeça e no meu ofício, o teatro sempre esteve presente na contação de história apesar de ter consciência de que quando eu conto histórias não é um personagem contando é a Amanda, mas eu nunca havia teorizado sobre isso, sempre tudo foi muito natural pra mim, aprendendo na prática. Para se ter uma ideia, nas primeiras histórias que eu contava eu me apresentava ao público como Julieta, foi uma personagem que eu criei e que aos poucos eu percebi que ela não existia, pois na realidade era eu mesma contando história, com todo o meu jeito próprio de ser.

Enfim, eis que a Clara Haddad cita as principais diferenças entre o teatro e contação de histórias: na contação de histórias não temos um texto dramaturgico, a história está na cabeça do contador; na contação de histórias nós não temos um personagem como no teatro, o contador pode até em determinado momento interpretar algum personagem da história, mas ele é sempre ele mesmo.

Há quem faça contações de histórias com um personagem contador ou com um texto decorado, mas aí não é mais contação de história, nesses casos podemos chamar de narração oral cênica ou até de um espetáculo de contação de histórias.

Diferente de outros países, o Brasil ainda não possui uma cultura de contação de histórias que a valorize como tal. Em Portugal, por exemplo, contador de histórias é profissão reconhecida na carteira de trabalho e existe inclusive muito preconceito com os atores que contam histórias.

Eu digo que esse curso me deu um nó na cabeça, pois eu descobri que o que eu chamava no meu projeto de contação de histórias na verdade não era, pois eu iria escrever, decorar um texto e criar uma personagem para a apresentação.

Mesmo imaginando que a minha banca talvez nem levaria em conta essas especificidades que diferem uma arte da outra, voltei da viagem e decidi deixar claro no meu projeto se o que eu iria fazer era contação ou era teatro.

Vou fazer uma contação de história! Então tirei do projeto tudo que para os entendidos da área pudesse remeter ao teatro. Mas aí veio a minha aflição: durante toda a introdução e desenvolvimento do projeto eu só falava sobre a valorização do teatro infantil, sobre a história do teatro infantil, sobre o preconceito com o teatro infantil, era só teatro, teatro e teatro, e a contação de histórias Amanda?

Eu estava com uma bibliografia extensa após o curso em São Paulo de livros sobre a arte de contar histórias, mas não daria para ler em menos de uma semana e acrescentá-los ao projeto. Sem desesperos a mais, acrescentei dois parágrafos justificando a escolha da contação de histórias e tentei relaxar entendendo que aquele era apenas um projeto e não o resultado final. Inseri então no projeto do memorial a bibliografia sugerida no curso e desde então estou fazendo a leitura dela.

Hoje refletindo melhor sobre tudo isso, chego à conclusão de que como a minha maior revolta é a forma com que as produções infantis de teatro desrespeitam a criança, eu também não poderia realizar um espetáculo teatral medíocre. Por sempre achar a contação de histórias de mãos dadas com o teatro e como uma ferramenta fantástica para tratar de assuntos por vezes ignorados pelos produtores teatrais, e por acreditar que assim como o teatro a arte da contação sofre os mesmos moralismos e censuras de temas, farei com prazer uma contação de histórias, com todo o respeito que a criança merece e tratando de um assunto importante que não deve ser ignorado, a perda/morte.

A escolha do texto ou como é bom ter amigos talentosos (Rio de Janeiro 25/04/2016)

“A pequena menina atriz que sonha em contar histórias sobre perdas, se vê impedida de tal sonho por não saber qual texto dar vida, mas aí ela se lembra de que tem amigos. Ai! os amigos (...)”

Ainda no ano passado, quando estava decidindo qual texto eu iria fazer já que os direitos autorais da Clarice Lispector eu não possuía, eu me lembrei de um amigo mineiro que além de um grande ator é também poeta, e resolvi perguntar a ele se sabia de algum texto infantil para me indicar que tivesse a temática morte/perda. Fui mais além e perguntei se por acaso ele não teria um texto dele para me sugerir e me liberar os direitos, visto que eu almejava seguir com o espetáculo ou com a contação de histórias (na época eu ainda não sabia o que seria) e ele teria a porcentagem financeira sobre as vendas.

Foi então que ele me apresentou a sua obra *O menino que dormia dentro do seu chapéu*, vencedora do prêmio Monteiro Lobato de contos infantis SESC/DF 2010, e eu adorei. Firmamos por meio eletrônico a nossa parceria, mas apenas alguns meses depois eu peguei novamente o texto para ler e assim estruturar a história. Ao ler e entender melhor as sutilezas presentes no texto, no meio de entrelinhas e metáforas poéticas, acabei me vendo chorando com a história tão linda diante dos meus olhos. Convido você também a ler o texto original presente no ANEXO B deste memorial e se deixar envolver pela poesia que o autor Éder Rodrigues nos oferece.

Quando preparo uma história para ser contada, eu a leio algumas vezes e entendo aonde ela começa, por onde ela caminha e como deve terminar. Esta é a estrutura da história, o passo seguinte é identificar os personagens, quem eles são e como agem na história, depois preciso deixar claro aonde eu quero chegar com essa história, que mensagem eu quero passar e só depois chega a etapa de inserir na história as imagens que o espectador irá imaginar ao ouvi-la.

Nessa última fase eu sempre faço por escrito, já vou imaginando como eu contaria aquilo para o público e assim as ideias já vão surgindo e eu já as vou colocando no papel, na verdade no computador ou no celular.

Escrevo usando a forma de linguagem oral e já com algumas indicações cênicas, como por exemplo, alguma linguagem corporal, alguma voz diferente para determinado personagem ou a utilização de algum adereço que possa auxiliar na visualização da história.

Você leitor pode conferir essa minha escrita da história no APÊNDICE A deste memorial, conservei a forma inicial que eu fiz, com parágrafos enormes e outras questões inaceitáveis num documento acadêmico, mas a ideia aqui é vocês terem uma noção de como é esse meu processo de construção da história.

Após a escrita, leio algumas vezes, na verdade três vezes no máximo e a sequência da história já fica bem clara na minha cabeça. Depois disso vem a etapa de ensaiar e, sem olhar o

que foi escrito, conto a história e calculo o tempo que está durando, essa etapa eu faço várias vezes, até a história ficar orgânica. Como podem perceber, não há texto decorado.

Dentre todas as histórias que eu já contei, essa foi a mais difícil de estruturar, pois o texto é muito poético e eu sendo uma atriz que simplesmente adora interpretar textos com falas carregadas de poesia, fiquei com uma vontade enorme de inserir vários trechos do texto original na história, mas para isso eu teria que de fato decorar o texto e a contação perderia a sua característica da linguagem oral.

Mas aí que está a maravilha dessa arte de contar histórias, pois é a sua maneira de contar, olho no olho, sem um roteiro rígido a ser seguido, sem uma fala decorada que você fica tensa para não se esquecer. Não é literatura à medida que não é uma arte individual do leitor com o seu livro, mas é a forma de se apresentar um conteúdo literário que, quando bem feito, pode convidar o espectador a se tornar um leitor e experimentar outra maneira de vivenciar a mesma história.

A responsabilidade é grande, principalmente por ser um texto de um amigo meu tão querido e talentoso, conseguir passar na linguagem oral toda a delicadeza presente no texto é, por mais clichê que possa parecer, um desafio.

Não adianta ser apenas uma boa atriz, você deve ser sociável. (Rio de Janeiro 10/05/2016)

“A pequena menina atriz resolve então encarar o desafio de uma produção cultural própria, mas adivinhe, ela não sabe ser sociável. E agora José? Vai fazer o quê? (...)”

Esse sempre foi o meu grande problema, não saber vender o meu trabalho por ter dificuldade de ser sociável ou, para usar um termo mais popular, por dificuldade de ser cara de pau. Ir atrás de parcerias e locais para a apresentação seria um martírio pra mim, de verdade.

Foi então que pessoas, que às vezes parecem acreditar mais no meu trabalho do que eu mesma, resolvem me auxiliar na produção. A mesma produtora citada por mim mais acima, aceita realizar a produção mesmo não se tratando mais do texto da Clarice Lispector e mesmo que a venda de uma contação de história não renda tanto para o produtor quanto a de um espetáculo teatral.

Marcamos então uma reunião, eu e a produtora Arrastão de Ideias composta por um casal de amigos meus e uma mulher que eu ainda não conhecia e foi através dessa mulher, a Taty, que fechamos a primeira parceria de local para a apresentação, a Arena Carioca Dicró.

Sempre orientada pela produtora sobre como agir, eu consegui sozinha fechar a parceria com o Parque das Ruínas, e nem foi tão difícil assim, afinal ofereci as apresentações de graça, apenas em troca de me cederem o local.

As outras parcerias de locais para apresentação também já estavam encaminhadas, eu precisaria agora de parcerias para a montagem da história, e novamente os amigos talentosos apareceram.

Não sou boa na parte de criação de adereços, imagino o que eu quero, mas não consigo produzir o concreto. Convidei então um amigo meu ator e com grande talento para criação de adereços para me auxiliar nisso e sei que pelo seu amor à arte ele vai arrasar.

Ainda preciso resolver quem irá fazer as fotos e a filmagem, fiz o orçamento com dois fotógrafos, mas ainda não decidi nada.

Precisava também agora já pensar na arte da divulgação, com as minhas pequenas habilidades com o *photoshop* eu mesma vou fazer o cartaz, mas eu precisava de algum desenho específico para esse trabalho já que eu ainda não tenho fotos para utilizar, mas adivinhe, a minha grande amiga aqui no Rio é artista plástica e faz ilustrações lindas e sensíveis do jeito que eu gosto. Entreguei o texto original a ela e uma semana depois ela me entregou três desenhos feitos em aquarela.



Desenho 2.1 - Autoria de Beatriz Quadros

Agora com esses desenhos eu posso criar as artes do cartaz, do projeto e do folder.

Mesmo se tratando de uma contação de histórias, que a princípio parece uma arte mais individual, eu não consigo escapar do universo teatral até na hora da criação através das parcerias solidárias de amigos talentosos. Feliz!

Não adiantar lutar contra o tempo, ele passa e não te espera (Rio de Janeiro 15/06/2016).

“A pequena menina atriz ensaiou, passou o cartão de crédito, fez a arte do cartaz, passou o cartão de crédito, foi ao Saara, passou o cartão de crédito, voltou ao Saara, passou o cartão de crédito, fez visitas técnicas, passou o cartão de crédito e depois de mais uma vez voltar do Saara, chegou o dia da estreia. Mas já?!”

Não sei se você leitor desse memorial percebeu que ele deu um salto na data do diário de trabalho. Sim, hoje já é dia 15 de junho e todas as quatro apresentações já ocorreram, acontece que foram tantos detalhes para resolver, que escrever se tornou impossível.

Percebi o quanto eu falo de dinheiro neste memorial e peço que me perdoe tamanho capitalismo, mas em se tratando de uma produção cultural sem nenhum patrocínio financeiro a não ser do meu próprio bolso, fica difícil me esquecer deste detalhe durante a escrita.

No dia anterior da estreia, me vi a noite, isso mesmo a noite, indo buscar os chapéus que só naquele momento tinham ficado prontos, e eu ainda precisava ensaiar com eles.

Quanto à filmagem da apresentação ficou decidido que a produtora Arrastão de Ideias iria fazer o registro gratuitamente, e as fotos ficaram na responsabilidade de ninguém menos que o meu namorado. Isso mesmo, um namoro recente e eu ainda não sabia que ele possuía câmera profissional, assim que soube já contei com ele para fazer as fotos mesmo antes de comunicá-lo, quem mandou namorar uma atriz. Algumas fotos podem ser conferidas durante este memorial e também no ANEXO A.

É meu primeiro namorado que não é da área artística e eu sou a primeira atriz da vida dele, e, muitas vezes, é um exercício antropológico percebê-lo nessa interação e tentativa de entendimento da lógica do trabalho do ator. Mas escrever sobre isso já seria outro trabalho, voltemos ao memorial.

Toda estreia já é complicada e contando com a presença de duas integrantes da banca no público não é um fato dos mais relaxantes, mas a apresentação de estreia aconteceu. Lógico que sempre há questões que só o ator percebe que pode melhorar, mas o que eu

gostaria de salientar aqui foi o fator principal que me desestruturou um pouco, eu nunca tive numa contação de histórias para criança um público com tantos adultos como eu tive nessa estreia.

Acredito que estavam presentes cinco crianças, dentre as quais apenas três tinham idade para entender o que eu dizia, e foi nelas que eu tentei focar a narrativa para não me perder.

Diferente do adulto, a criança que embarca na história participa dela, interagindo, comentando, querendo adivinhar o que vai acontecer. Estou acostumada com isso, e inclusive eu incentivo esses momentos fazendo perguntas às crianças, mas numa plateia de maioria esmagadora de adultos, como eu pergunto - quem aqui sabe qual é o bichinho que faz miau?

Posso estar exagerando, é lógico que sempre adapto a forma de contar a história de acordo com o público, já preparei, por exemplo, a história da chapeuzinho vermelho para um público de crianças de 4 anos e quando cheguei na escola elas tinham 12 anos, e acredite, deu certo.

Eu mesma adoro assistir espetáculos teatrais e animações infantis e sei que muitos como eu também gostam. Quanto ao teatro, eu já fiz infantil com muitos adultos presentes e não foi um problema, acontece que a ausência total da quarta parede característica da contação de histórias, torna essa atriz aqui sem lugar para fugir, afinal é preciso como Amanda encarar o público no olho, literalmente.

Acredito que durante boa parte da apresentação eu consegui me esquivar desse medo do adulto que poderia me paralisar, mas ficou no coração a sensação de que poderia ter sido melhor se tivessem mais crianças.

Eu sei que eu tenho a consciência que quando um espetáculo é bem feito ele extrapola as barreiras da idade e agrada não só as crianças, mas aos adultos também, como diz Acioly:

“Mas, isso é para crianças ou é pra mim?”

Acho curiosa essa questão, indicando que, na cabeça de muitos adultos, o que é interessante para um, não deve e não pode, necessariamente, interessar nem ser proveitoso para o outro. Por que separar, se podemos unir? O teatro – que estimula a abertura no campo das curiosidades, apura o senso crítico, estético, e vai além, atingindo o campo das emoções íntimas – é para todos. (ACIOLY, 2011, p. 39)

Conversando com amigos, inclusive com uma amiga contadora de histórias que estava presente, entendi que a apresentação funciona sim com o público adulto, ainda mais essa história que é envolta de metáforas e poesia, mas ainda espero que na próxima vez que eu encarar uma plateia de adulto para ouvir uma história minha, que seja uma história já pensada para eles, com o meu espírito preparado para essa recepção.

Outro fator que acredito válido relatar foi a minha experiência nova de contar uma história que a primeira vista não é nem um pouco engraçada, o próprio tema morte é considerado pesado quando as pessoas sabem que é direcionado às crianças.

Neste ponto preciso dizer que consigo extrair bem o humor da história a deixando mais leve e divertida, e isso não só através das caras e bocas de personagens que aparecem, mas também com a noção do ritmo da fala, o tempo de comédia. A duração com que você dá uma pausa ou a melodia presente na narração interfere totalmente na recepção do que está sendo dito, e eu devo esta percepção rítmica ao teatro, ao meu tempo de estudo e trabalho como atriz.

Até lembrei-me agora da minha pesquisa de iniciação científica realizada na graduação em teatro na UFMG chamada Intenção e tempo-rítmico: ferramentas fundamentais no processo de criação, baseada no livro de Luís Otávio Burnier A arte de ator: da técnica à representação (2009).

Porém, nessa narrativa pude experimentar o silêncio, na verdade um silêncio da minha fala e apenas o som de uma caixinha de música antiga. Acho que em nenhuma contação de história anterior eu fiquei tanto tempo em silêncio. Para quem não assistiu, fique sabendo que essa pausa na fala não dura nem 40 segundos, mas na ação cênica, cada segundo pode parecer mais do que é.

No primeiro dia de apresentação eu me incomodei com esse silêncio, mas depois percebi que ele, inserido no momento certo, funciona com a criança que está submersa junto com você na narrativa da história.

No dia da apresentação na Arena Carioca Dicró, como o local é bem aberto e não tinha como todos ouvirem a música da caixinha, eu cantei o início da música estrela, estrela de Vitor Ramil.

Estrela, estrela
Como ser assim
Tão só, tão só
E nunca sofrer

Brilhar, brilhar
Quase sem querer
Deixar, deixar
Ser o que se é

No corpo nu
Da constelação
Estás, estás
Sobre uma das mãos

No mais, só comprovei o que já defendo há tempos e que fica claro na citação abaixo:

Quero fazer um teatro que se comunique com este público, mas sem facilidades: complexo como a vida das pessoas que o assistem. Que a imagem, o texto e o ritmo sejam também dialéticos como os nossos sentimentos de dever e prazer. (...) Teatro como momento único de ser diverso, isto é, divertir-se, inquietar-se, encontrar-se noutra dimensão fora da cotidianidade. (CALDAS, 1990 apud LOPES, 1991, p. 34)

A contação de histórias, assim como o teatro, deve manter todo o seu potencial artístico e mágico independente do seu público alvo. A poesia que eles são capazes de metaforizar deve estar sempre presente como diz Machado:

Não importa que o público infantil não compreenda todas as palavras ditas em cena; ou que perca a metade do sentido da ação – o importante é que a poesia do espetáculo desça da cena para a plateia e fique solta no espaço, que atores e público vivam momentos de identificação completa – de comunhão artística e de exaltação poética. (MACHADO. 1956, p. 15)

Nas páginas seguintes, você leitor vai encontrar as questões mais técnicas relativas à contação de história O menino que dormia dentro do seu chapéu, mas antes preciso finalizar a história iniciada.

“A pequena menina atriz percebeu como ainda é pequena diante da arte, e tem a certeza que por sua vida ainda passarão príncipes, bruxas, dragões, fadas, e mesmo assim, como um passarinho, irá continuar seu voo, afinal, muita história ainda está por vir.”

3. CENÁRIO, ADEREÇOS E FIGURINO

A ideia foi de criar uma identidade visual para a contação de história que se mantivesse nas próximas histórias contadas por mim. Para fugir um pouco do estilo mambembe mais usado entre os contadores de histórias brasileiros, optei em criar uma estética *vintage*¹, mas que não deixa de lado a mala de viagem típica de muitos contadores de história, porém agora a mala dá lugar à uma frasqueira retrô.

No cenário há um puff baú de onde os adereços usados na história são retirados e um tapete que auxilia na demarcação da área de atuação. Tanto no baú como no tapete foram incluídos por mim adereços em suas estruturas que contribuíram para alcançar o estilo retrô e aumentar a paleta de cores utilizada.

Para delimitar a área do público foram colocadas pequenas esteiras e almofadas, salientando que na apresentação na Praça Afonso Pena não foi necessário utilizá-las.

Também foram inseridos por mim adereços que remetem ao passado como é o caso da caixinha de música e da mala antiga.

Na foto abaixo pode ser observada a visão geral da área de atuação e do público antes do início da apresentação e o detalhe da caixinha de música utilizada:



Foto 3.1 Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 3.2 Autoria de Rodrigo Fleck

¹ Palavra de origem inglesa que trata de um estilo de vida que remete aos anos 1920, 1930, 1940, 1950 e 1960, e que se aplica em vestuários, calçados, mobiliários e peças decorativas.

Para a criação e confecção dos adereços eu convidei o artista Mati Lima que baseou a sua criação na indicação dada por mim onde cada personagem deveria ser representado por um chapéu. Foram comprados 4 chapéus em formato de cartola e em cima de cada um foi trabalhado através de tecidos e adereços as características de cada um dos personagens.

Abaixo na foto 3.3 o chapéu da forma que foi comprado e a seguir o da personagem da mãe:



Foto 3.3 Autoria de Amanda Melo



Foto 3.4 Autoria de Rodrigo Fleck

Na história o menino percebe que cada um que mora com ele em sua casa possui um pouquinho do chapéu que desapareceu, por isso o aderecista decidiu que do chapéu do pai sairiam objetos que complementaríamos aos demais, como é o caso do chapéu da avó que é complementado com uma escova de cabelo e a da bebê com um cata-vento, como podem ser vistos abaixo respectivamente.



Foto 3.5 Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 3.6 Autoria de Rodrigo Fleck

No chapéu da mãe foram trabalhadas cores que remetem ao amor, e as flores foram colocadas para deixar leve, romântica e feminina. No chapéu da avó foram utilizados o fuxico e o tricô para transparecer a sua idade e sua aparência mais humilde. No chapéu da bebê só foi inserido o cata-vento para trazer o lúdico da criança, o restante do chapéu foi comprado dessa forma, ele é menor e colorido trazendo toda a alegria e inocência da criança.

O chapéu do pai foi apenas revestido de retalhos de tecido preto, opção essa para demonstrar que o amor pode estar na simplicidade. No final da história é colocado nele com velcro uma gravata (Foto 3.7), signo que remete à figura masculina e também aparece em outro momento anterior da história como pode ser visto na foto 3.8.

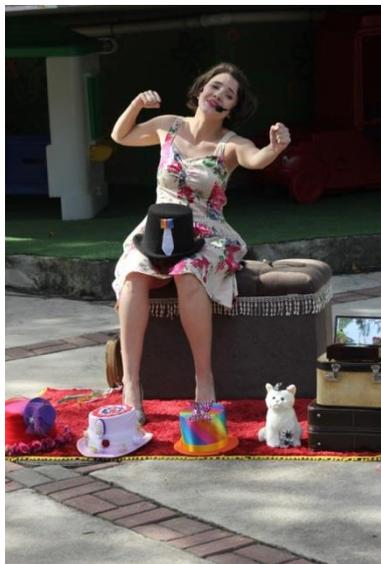


Foto 3.7 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 3.8 - Autoria de Rodrigo Fleck

Durante a elaboração foi decidido que os animais da história não seriam representados por chapéus e sim pelúcias, nas fotos a seguir temos o gato e a tartaruga utilizados em cena, no gato foram costuradas duas aranhas de plástico:



Foto 3.9 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 3.10 - Autoria de Rodrigo Fleck

O figurino foi criado por mim seguindo a linha do *vintage*, foram criadas duas opções compradas em brechós e encontradas em guarda-roupas. A primeira na foto abaixo

possui a blusa com aplicação de botões de pérolas e mangas de tule costurado por mim. A segunda opção abaixo é um vestido florido.



Foto 3.11 - Aatoria de Rodrigo Fleck



Foto 3.12 - Aatoria de Rodrigo Fleck

4. CRONOGRAMA

Tabela 4.1 Relação entre a atividade desenvolvida e o período em que ocorreu.

Atividade	Período
Pesquisa e escolha da história	Janeiro e Fevereiro/2016
Estruturação da história narrada	Março e Abril/2016
Criação de cenário, adereços e figurino	Abril, Maio e Junho/2016
Ensaios	Maio e Junho/2016
Escolha dos locais para apresentação	Abril e Maio/2016
Criação dos cartazes e folder	Abril e Maio/2016
Visitas técnicas nos locais de apresentação	Maio e Junho/2016
Apresentações da contação de história	Primeira quinzena de Junho/2016
Escrita do memorial	Março a Junho/2016
Entrega do memorial	Primeira semana de Julho/2016
Defesa do memorial	12/07/2016

5. ORÇAMENTO

Toda a execução do produto cultural foi feita com recurso financeiro próprio, porém vários profissionais doaram o seu trabalho para a realização da mesma, são eles: Mati Lima na criação e confecção dos adereços; Arrastão de Ideias na produção e filmagem; Beatriz Quadros na arte do cartaz; Rodrigo Fleck na fotografia e Éder Rodrigues na liberação da autoria do texto. Além disso, não recebi pela atuação e nem pelos ensaios.

Como o meu intuito é de criar uma empresa de contação de histórias, investi na compra do equipamento de som ao invés de alugá-lo.

As apresentações foram feitas gratuitamente e o único dinheiro ganho foi espontâneo do público através da tradição de passar o chapéu, realizada na apresentação no Parque das Ruínas aonde rendeu 65 reais e na apresentação na Praça Afonso Pena que rendeu 45 reais.

Tabela 5.1 Valores em reais utilizados para a montagem da contação de história.

Produto	Valor
Cenário	327,90
Adereços	408,72
Arte Gráfica	79
Caixa de som e microfone	1439
Figurino	120
Impressões	115
Transporte	300
Alimentação	200
TOTAL	R\$2989,62

6. APONTAMENTOS SOBRE OS LOCAIS DE APRESENTAÇÃO

Foram realizadas quatro apresentações na cidade do Rio de Janeiro e cada uma em um local diferente.

6.1 CENTRO CULTURAL MUNICIPAL PARQUE DAS RUÍNAS

Apresentação realizada no dia 04/06/2016 às 11 horas.

A parceria foi firmada por e-mail aonde enviei através de um projeto a minha proposta de apresentação, esse projeto encontra-se no APÊNDICE B deste memorial. Firmada a parceria, eu realizei visita técnica para verificar os locais possíveis de apresentação e decidi pela parte externa do Parque ao lado do café, porém em caso de chuva seria realizado dentro das Ruínas, e foi o que aconteceu, com o tempo instável achei melhor realizar a apresentação na parte interna. O clima chuvoso interferiu na quantidade de público que ficou apenas em torno de 35 pessoas.

Um local muito lindo que remete ao passado e assim conversa muito com a minha proposta estética, o que rendeu belas fotos.



Foto 6.1 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 6.2 - Autoria de Rodrigo Fleck

Acredito que todo o peso histórico do local visível na sua arquitetura influenciou na recepção da história pelo público e também na minha atuação. Por se tratar de uma história para crianças com o tema morte, é necessário dosá-la com elementos leves, engraçados e mais dinâmicos, nisso o local não ajuda, pois ele por si só carrega uma espécie de energia mais carregada devido a pouca luminosidade e às suas altas paredes de tijolos.

6.2 BIBLIOTECA PARQUE DE MANGUINHOS

Apresentação realizada no dia 10/06/2016 às 17 horas.

Uma parceria também firmada por email, mas que não teve o número de público esperado e informado pela produção da biblioteca. De acordo com a mesma seriam de 20 a 30 crianças presentes, no entanto não chegou a 10, alguns jovens foram impedidos de entrar na biblioteca pois não tinham a carteirinha, fato que não me foi informado antes, pelo contrário, foi passado que a entrada seria livre.

A apresentação neste local foi mais intimista, sem a necessidade de microfone. Por se tratar de uma biblioteca infantil onde as crianças presentes ficam bastante à vontade, pois possuem uma sensação de pertencimento com o local, acarretou uma apresentação leve e com muita participação do público.



Foto 6.3 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 6.4 - Autoria de Rodrigo Fleck

6.3 ARENA CARIOCA CARLOS ROBERTO DE OLIVEIRA - DICRÓ

Apresentação realizada no dia 11/06/2016 às 11 horas.

A apresentação integrou a programação especial de aniversário de 4 anos da Arena, mesmo assim, durante a visita técnica que realizei fui informada que o local não possui uma presença constante de público, porém, o dia da minha apresentação contou com a presença de uma turma de jovens alunos de teatro que estavam no momento fazendo aula, além do público espontâneo.

O local e o clima contribuíram muito com o resultado da apresentação, por ter sido realizado na área externa, o público ficou a vontade e a ausência de sol forte não atrapalhou

em nada. Um lugar que respira cultura, com uma ótima estrutura e que sempre possui uma programação gratuita para a população.



Foto 6.5 - Aatoria de Rodrigo Fleck



Foto 6.6 - Aatoria de Rodrigo Fleck

1.2 PRAÇA AFONSO PENA – TIJUCA

Apresentação realizada no dia 12/06/2016 às 10 horas.

Realizada a convite do Coletivo sem Ribalta, que promove apresentações na Praça Afonso Pena no bairro Tijuca todo segundo domingo do mês. O Coletivo tem o foco no trabalho circense, por isso fiquei insegura se a apresentação caberia na proposta. Talvez uma contação de história mais engraçada se encaixaria melhor ao local, mas mesmo assim foi muito rica de participação do público e eu como atriz fiquei muito a vontade em cena.

Em se tratando de praça, fomos prejudicados com o tempo muito frio do dia que afastou os pais com seus filhos, por isso a apresentação atrasou em meia hora para poder ter um número maior de pessoas.



Foto 6.7 - Aatoria do Coletivo sem Ribalta



Foto 6.8 - Aatoria de Beatriz Quadros

7. PÚBLICO ATINGIDO

Durante as quatro apresentações o público foi bastante variado e contou com a presença de crianças de um ano de idade até 12 anos, além de adolescentes e adultos de várias idades.

Somando os quatro dias de apresentações, calcula-se que em torno de 150 pessoas assistiram à contação de histórias.

Confira abaixo fotos do público nas apresentações feitas:



Foto 7.1 - Aatoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.2 - Aatoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.3 - Aatoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.4 - Aatoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.5 - Aatoria de Rodrigo Fleck

Percebi que o espetáculo funciona muito bem para um público de 4 a 12 anos de idade e para a minha surpresa, como tive muitos adultos assistindo, também funciona para este público. É lógico que se tratando dos adultos, essa minha avaliação se a história funciona ou não, parte dos comentários dos meus amigos que assistiram e também de uma sensibilidade do ator que com o tempo de prática consegue perceber pelas reações do público durante a apresentação os momentos que funcionam e os que não, a mesma forma utilizada para verificar a qualidade de uma peça segundo os fundadores do TESP – Teatro escola de São Paulo, que prestam atenção aos ruídos da plateia; ruídos de incomodo; insatisfação; ruídos de

comentários sobre o que está sendo apresentado; gargalhadas, mas “o melhor “ruído” da plateia é o silêncio absorto e encantado” (BELINKY e GOUVEA, 1984, p.38)

Quanto ao público infantil, é muito mais fácil perceber se a apresentação funcionou ou não, pois as crianças são muito mais transparentes em suas reações. Mesmo assim criei um chapéu urna (Foto 7.7) e montei uma cestinha (Foto 7.6) com lápis de cor, giz de cera, caneta e papel para que as crianças desenhassem o que quisessem em relação à história que acabaram de ouvir. Saliento que esta atividade só não foi realizada na apresentação na Praça Afonso Pena, pois na programação havia outra atração imediatamente após a minha.

O resultado foram desenhos carinhosos, muitos expressando os personagens da história, os chapéus e principalmente a tartaruga.

Abaixo, fotos desse momento após a apresentação e alguns desenhos das crianças.



Foto 7.6 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.7 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.8 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.9 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.10 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.11 - Autoria de Rodrigo Fleck



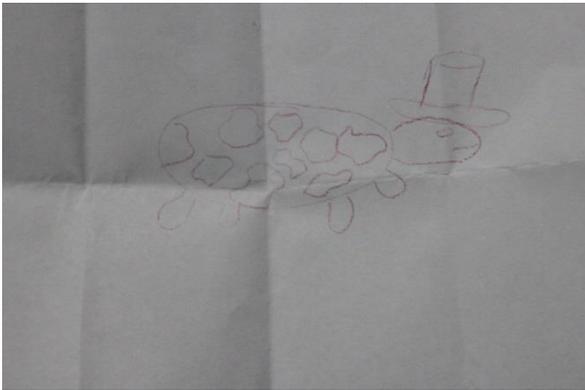
Foto 7.12 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.13 - Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 7.14 - Autoria de Fátima Melo



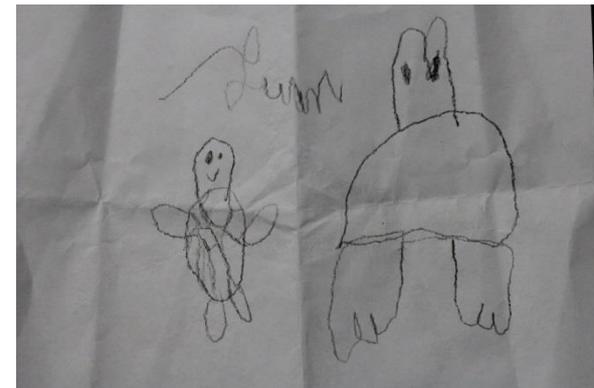
Desenho 7.15 – Desenho de criança



Desenho 7.16 - Desenho de criança



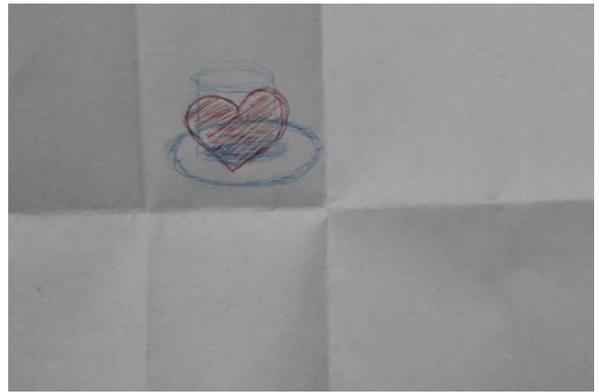
Desenho 7.17 - Desenho de criança



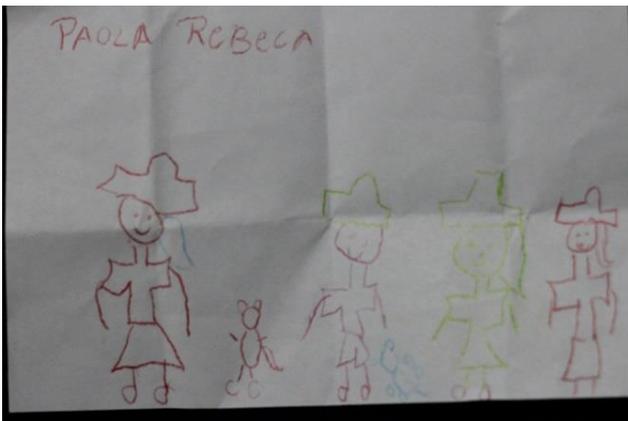
Desenho 7.18 - Desenho de criança



Desenho 7.19 - Desenho de criança



Desenho 7.20 - Desenho de criança



Desenho 7.21 - Desenho de criança



Desenho 7.22 - Desenho de criança



Desenho 7.23 - Desenho de criança

8. FORMAS DE DIVULGAÇÃO

Boa parte da divulgação foi feita virtualmente através de redes sociais e e-mail, apenas no Parque das Ruínas e na Biblioteca Parque de Manguinhos foram fixados cartazes.

Como fui eu que digravei os cartazes e não estava acostumada à esse trabalho dirigido à produções apoiadas por setores públicos, fiquei espantada com a quantidade de logos e regras que cada local impõe para que a divulgação seja feita, lembrando mais uma vez que nenhum lugar me patrocinou financeiramente, apenas cedeu o local para a apresentação.

No caso da apresentação na Praça Afonso Pena, o cartaz foi feito pela produção do evento e foi apenas divulgado em meios virtuais.

Abaixo, pode verificar a diferença entre os cartazes de acordo com cada local.



Fig. 8.1 - Arte: Amanda Melo



Fig. 8.2 - Arte: Amanda Melo



Fig. 8.3 - Arte: Amanda Melo



Fig. 8.4 - Arte: Amanda Melo

A apresentação na Arena Dicró contou também com a divulgação específica do evento como pode ser vista na figura 8.5 logo abaixo. O Coletivo sem Ribalta fez uma nota no jornal O Dia divulgando a apresentação do domingo (Fig. 8.6). Fiz também uma versão digital incluindo as três datas de apresentação, que você pode conferir na figura 8.7.



Fig. 8.5 - Arte: Amanda Melo



Fig. 8.6 - Jornal O Dia

Agenda:

10/06 - Biblioteca Parque de Manguinhos às 17h.

11/06 - Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira - Dieró (Penha) às 11h.

12/06 - Praça Afonso Pena (Tijuca) às 10h.

Fig. 8.7 - Arte: Amanda Melo

Com o intuito de divulgar a contação de história para possíveis clientes, fiz um folder que pode ser visualizado no APÊNDICE C deste memorial. Durante as apresentações também foi entregue o meu cartão de visitas aos interessados, também feito por mim.

9. PLANOS FUTUROS

Durante o processo de criação da história, resolvi de fato investir em uma empresa específica de contação de histórias para a venda em festas infantis, pois este é um mercado que eu já trabalho e inclusive já tenho parceria para futuras vendas. A parceria será com a empresa Fabulosos de recreação infantil, já muito conceituada no mercado do Rio de Janeiro para clientes de classe média alta.

Iremos oferecer aos clientes um pacote de recreação mais a contação de história. Para isso, irei continuar com a estética criada nesse processo, inclusive o cenário e o figurino, porém as histórias serão outras. Acredito que daqui dois meses a parceria já irá funcionar com divulgações em praças e mídias sociais.

Quanto à contação específica O menino que dormia dentro do seu chapéu, irei focar as vendas para festivais de contação de histórias, escolas, SESCOs e bibliotecas. Para isso conto com o trabalho da produtora Arrastão de Ideias e de uma produtora na minha cidade natal Jacareí-SP, para vendas nessa região, já que minha família ainda mora lá e o meu deslocamento é fácil.

10. REFERENCIAL TEÓRICO DA CONCEPÇÃO DO PRODUTO

Hoje o termo teatro infantil é discriminado e infelizmente muitas das vezes com razão. Muitas das produções infantis são voltadas para o consumo e não para a cidadania. A ideia que teatro para criança tem que ser apenas didático, com uma moral explícita e com um pobre repertório temático, deve ser eliminada.

O fator didático do teatro é legítimo e isso não se pode discutir, mas será que o teatro que é oferecido à criança deve ser limitado a isso? A forma com que se apresenta o fator didático nesses espetáculos é a mais adequada? Não seria importante oferecer à criança um espaço para reflexão, para que ela tire sua própria conclusão?

Bertolt Brecht (1978), sobre o seu teatro didático, define que a compreensão do todo do espetáculo teatral não fique imerso totalmente na emoção e assim se abra espaço para a reflexão, completamente diferente do ensinar a que muitas vezes se propõe o teatro infantil. Muito pelo contrário, o teatro didático de Brecht, assim se chama, porque ajuda o homem a se perceber no mundo e a tirar conclusões por si mesmo.

Atualmente no Rio de Janeiro especificamente, percebemos espetáculos infantis que ao contrário do que Brecht se refere, não pretendem trazer à criança uma reflexão e sim já dizem o que é o certo e o que é errado, o que elas devem e não devem fazer, como fica claro na seguinte citação:

A cena é lugar onde se vive situações, e não sala de aula onde atores dizem coisas para educar a criança. Se quisermos dar alguma lição à criança, esta lição tem que ser vivida em cena e não simplesmente dita. Que a ação não seja só um pretexto para a lição, mas que a lição esteja contida na ação. A criança se identifica muito mais com o herói que age, do que com o herói que diz como agir. (MACHADO, 1956, p.15).

Maria Clara Machado ainda cita como é necessária uma mudança na qualidade dos espetáculos oferecidos para as crianças, pois isso reflete futuramente na formação de plateia. De acordo com ela:

A ideia de “é preciso ensinar a criança” prevalece sobre todas as outras e ninguém escapa à fada no meio da cena a dizer aos meninos que eles devem ser bonzinhos, escovar os dentes, obedecer a mamãe, etc. Até os doze anos, a criança aguenta o teatro, depois nunca mais quer saber de teatrinho para crianças ou para adultos e passa de armas e bagagens para o cinema. (...) E, como podemos queixar-nos de que não há mais plateias, que o público está desaparecendo dos teatros, se não cuidamos de formar uma plateia infantil? (MACHADO. 1956, p. 13)

A citação acima de Maria Clara Machado, data do ano de 1956, e 60 anos depois ainda nos vemos com os mesmo problemas: como pensar numa formação de público para o teatro se não pensarmos na qualidade do teatro oferecido às crianças?

Quando um espetáculo é bem feito ele extrapola as barreiras da idade e agrada não só as crianças, mas aos adultos também, como diz Acioly:

“Mas, isso é para crianças ou é pra mim?”

Acho curiosa essa questão, indicando que, na cabeça de muitos adultos, o que é interessante para um, não deve e não pode, necessariamente, interessar nem ser proveitoso para o outro. Por que separar, se podemos unir? O teatro – que estimula a abertura no campo das curiosidades, apura o senso crítico, estético, e vai além, atingindo o campo das emoções íntimas – é para todos. (ACIOLY, 2011, p. 39)

O teatro deve manter todo o seu potencial artístico e mágico independente do seu público alvo. A poesia que ele é capaz de metaforizar deve estar sempre presente como diz Machado:

Não importa que o público infantil não compreenda todas as palavras ditas em cena; ou que perca a metade do sentido da ação – o importante é que a poesia do espetáculo desça da cena para a plateia e fique solta no espaço, que atores e público vivam momentos de identificação completa – de comunhão artística e de exaltação poética. (MACHADO. 1956, p. 15).

“Trabalhar com crianças não se trata de trabalhar na formação da criança, mas do ser humano” (KRUGLI, 2014, p. 123), por isso a necessidade de tratar também de assuntos como a morte, por exemplo, que é algo natural e que a criança também pode vir a precisar saber como lidar ao perder algum ente da família, algum amigo ou animal de estimação.

Um teatro infantil com um texto instigante, com uma estética que inspira a cognição da criança e que saia da fórmula didática já muito utilizada é fundamental, pois a criança necessita estar em contato com diversas linguagens diferentes para só assim ela poder contrapor, amadurecer a sua visão artística e assim se sensibilizar e perceber as questões que a rodeiam. Mas o contato com esse tipo de teatro não depende da criança, cabe aos mediadores, pais e escola. Estes:

(...) eles devem ser criteriosos no que escolhem para as crianças. Frequentemente, porém, os critérios resumem-se, no caso dos professores, ao ensino de determinado conteúdo da grade curricular; no dos pais, à pouca distância do teatro; no dos programadores, ao baixo custo e à facilidade de montagem e desmontagem dos cenários. Essa falta de critérios que abre espaço a espetáculos oportunistas, que desrespeitam a criança. (VARGAS. 2009, p.58).

Essa falta de critério a que se refere Vargas é consequência de todo um discurso presente nas escolas, na educação dos pais e no nosso sistema mercadológico cultural.

Sabemos que, na maior parte dos casos, o primeiro contato da criança com o teatro se dá através da escola ou da igreja. A própria história do teatro infantil no Brasil, como informa Fernando Lomardo (1994) teve um início catequético e jesuítico; começando com padres que o utilizavam como forma auxiliar, didática e pedagógica, de catequese. Da mesma forma, no início não possuíamos uma literatura infantil genuinamente brasileira, por isso os textos do teatro infantil eram adaptações de obras europeias carregadas do moralismo vigente na época. Portanto, o teatro infantil tem seu berço aqui no ocidente, na moral judaico-cristã, no didatismo e na moral europeia.

De acordo com Lomardo (1994), devido a toda inferiorização que o teatro infantil era submetido, ele precisou buscar maneiras e locais de existir, foi então, que na década de 1980, inicia-se o chamado projeto-escola, já em 1990:

Muita gente percebeu que teatro para crianças poderia ser razoável fonte de renda e se lançou à tarefa, estimulada pela errônea crença de que “é fácil fazer teatro para crianças”. Multiplicam-se os textos, os espetáculos, os grupos. Multiplicam-se os horários para teatro infantil, os espaços, e começa a aparecer teatro para crianças em tudo quanto é canto. Auditório da escola, salão de clube, churrascaria, qualquer lugar serve. (LOMARDO, 1994, p. 70).

Acredito, com a minha experiência, que esta realidade da década de 90 continua hoje em dia abastecida por grandes produções com princesas e heróis da Disney, e o teatro oferecido nas escolas continua seguindo o que esta dita como correto.

Como se vê, muitos são os desafios que o artista enfrenta para firmar um teatro infantil de qualidade, mas acredito na mudança e principalmente na necessidade dela. A criança precisa estar na presença de diferentes formas artísticas para só assim criar o seu senso crítico.

Então, se queremos um futuro promissor para o teatro, de valorização do mesmo como arte, precisamos como artistas não mais nos deixar moldar pelos discursos de poder em que estamos inseridos e sim oferecer às crianças o teatro que de fato seja reconhecido por seu lado artístico. Do outro lado, pais e professores conscientes da importância da arte para o desenvolvimento das crianças, também precisam fazer valer os seus discursos pessoais, por mais que sejam minorias.

Compreendo que seja um trabalho de resultado à longo prazo, mas pequenas ações em diferentes locais podem sim contribuir ao menos para termos a consciência de que estamos agindo como de fato desejamos e consideramos o melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de vivenciar toda a construção artística da contação de histórias, perceber a melhor forma de tratar o tema, de como estruturar a narrativa e perceber a recepção do público, este trabalho de conclusão de curso me ensinou também o básico do processo de produção de um produto cultural tão necessário hoje para uma acenssão artística do profissional.

Aprender a vender o seu trabalho e investir nele não é questão apenas de sobrevivência no mercado, mas também de uma realização profissional, de trabalhar com o que você acredita, com os seus valores e o que deseja comunicar ao outro.

Em se tratando de trabalho com crianças o desafio é maior, pois encara de frente os moralismos enraizados na sociedade que impedem ou dificultam o acesso de determinadas obras à elas. Não podemos falar com as crianças sobre morte, sobre gêneros, sobre raça, sobre violência, há escolas que até acreditam que devemos falar sobre esses assuntos, mas o medo de encarar os pais não as permitem continuar.

Na teoria tudo é lindo, na prática são poucos os que realmente fazem o que dizem ser correto, como diz Lopes:

Arte e pedagogia, uma só coisa, dizem os defensores de uma arte que acreditam ser educativa. Por outro lado, textos adocicados e poetizados completam um panorama de cultura teatral para crianças e adolescentes que fazem cortina de fumaça atrás da qual se camufla a ideologia que nega à criança: sexualidade, classe social, relações com o trabalho e de trabalho, crueldade, desejo e percepção crítica de seu meio. E o que dizer então da percepção sobre a transitoriedade da vida, os jogos de poder na família e fora dela? (LOPES,1991, p.33)

Tudo isso só me serve de incentivo para continuar a caminhada e não desistir.

Queria destacar também o quanto a arte da contação de histórias me agrada e me faz bem, e todas as minhas questões a respeito dos limites que dividem o teatro da contação, só me alimentam do sentimento de futuras pesquisas nessa área, talvez culminando em um mestrado.

A postura de olhar com distanciamento para o que foi produzido nesse TCC, e digo um distanciamento Brechtiano desse que tomamos uma postura crítica e avaliamos sem imersões emotivas o que nos é apresentado, me mostra que mais uma vez, assim como em 2008 no meu espetáculo de TCC da graduação, eu sou capaz de produzir algo artístico com a minha cara e de qualidade. Fico realmente orgulhosa de perceber a minha assinatura naquela

apresentação, as facetas da menina atriz e aprendiz de contadora de histórias estão todas lá presentes.

Refletindo aqui agora ao escrever essas palavras a vocês, percebo que nada foi por acaso, tudo é consequência da minha caminhada, eu não poderia, por exemplo, ter escolhido um texto melhor para narrar do que de um amigo mineiro que me faz lembrar todas as conquistas e momentos incríveis vividos nas Minas Gerais. Toda a estética que eu escolhi para a contação de história diz muito sobre mim, desde a caixinha de música usada em cena que era minha durante a infância e que acabei encontrando no quarto de guardados antigos na casa dos meus pais, até um dos vestidos usados em cena que encontrei no guarda-roupa da minha mãe que ela guardava na esperando de voltar a servir.

Já os chapéus produzidos para o espetáculo só ficaram com a minha cara, pois foram feitos por alguém mineiro e que assim como eu está no Rio longe da família e motivado pelo amor à arte. Agora, o que dizer do tema escolhido para a contação?

Mais do que falar de morte, o texto mostra como precisamos olhar para os lados e reconhecer o valor da família e dos amigos que estão hoje presentes na nossa vida. Realmente nada é por acaso, o meu grande questionamento ao optar em morar longe daqueles que eu sei que me amam é sempre o mesmo – será que eu estou agindo certo? Já são mais de 10 anos pensando nisso e ainda não encontrei a resposta.

Engraçado, pois eu nunca me vi como essas pessoas apaixonadas por teatro que chegam a tatuar as máscaras teatrais no corpo, que particularmente eu acho medonhas, mas refletindo agora, tatuar o corpo é fácil, mas viver longe da família e se sustentar de arte isso sim que deve ser paixão, não é? Só pode ser, ou eu sou maluca mesmo.

Bom, agora o distanciamento Brechtiano sede o lugar para uma imersão emotiva nos moldes Stanislaviskiano, e ao perceber tudo isso chego a chorar, que é o que acontece com todas as produções teatrais que eu entro de corpo e alma. É normal, a gente chora por saber de todas as dificuldades que o artista enfrenta, a gente chora, pois a gente se doa para o trabalho esperando o melhor, mas principalmente a gente chora por reconhecer muito da gente mesmo no que foi produzido. Ser artista é doar aquilo de mais íntimo que temos sem ao menos o público perceber que o fazemos.

No fim, termino feliz com o que até hoje conquistei nos meus recentes 30 anos de idade e esperando as novas histórias que a vida irá me apresentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLY, Karen. É para crianças? In: BORGES, Luciene (coord.) *Subtexto*, Revista de Teatro do Galpão Cine Horto. Fino Traço Editora, n.8, dez. 2011.

BELINKY, T.; GOUVEA, J. Teatro para crianças e adolescentes: a experiência do TESP. In: ZILBERMAN, Regina (org). *A produção cultural para a criança*. 2 ed.. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 29-41.

BERTOLT BRECHT. *Escritos sobre Teatro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BURNIER, Luis Otávio. *A arte de artor: da técnica à representação*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2009

KRUGLI, Ilo. Mestres. In: ACIOLY, Karen (Org). *Segundo catálogo livre cultura infância – com passeios pedagógicos*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2014.

LOMARDO, Fernando. *O que é Teatro Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOPES, Joana. Uni-duni-ter: lá em cima do piano tem um copo de veneno. In: PACHECO, Elza D. (org). *Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 29-39.

MACHADO, Maria Clara. Teatro para crianças. In: *Cadernos de teatro*. O Tablado, Rio de Janeiro n. 2, 1956, p. 13-14. Disponível em: <http://otablado.com.br/cadernos-de-teatro/>

OAKLANDER, Violet. *Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus, 1980.

VARGAS, Sandra. Auto Entrevistas. In: ACIOLY, Karen (Org). *Primeiro catálogo livre do teatro infantil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

APÊNDICE A – Estrutura da narrativa O menino que se escondia dentro do seu chapéu.

Personagens: O menino, a avó, a tartaruga, a mãe, 2 aranhas de pelúcia e o chapéu

Entra em cena com o público já posicionado.

- Alguém viu um chapéu por aí? Uma chapéu assim... meio grande e meio pequeno... meio esverdeado ou meio azulado... sei lá... alguém viu um chapéu... Vc aí, tem cara que viu um chapéu por aí, não... Olha têm esses chapéus aqui! Sabia que o plural de chapéu é chapéus? Estranho né, eu acho que o melhor é chapéis, mas não o correto, plural de pastel é pasteis, mas de chapéu é chapéus. Enfim, pelo o que eu sei o chapéu não é muito grande e nem muito pequeno, deixa eu ver esse aqui, não! Não pode ser esse, nem esse aqui, esse muito menos, não é nenhum desses. Não é possível que com tanta gente aqui o tal chapéu do menino não vai aparecer! Espera, ai gente que falta de educação... entrei igual uma louca aqui, perguntando do chapéu, ninguém tem nada a ver com o chapéu, vcs nem se quer conhecem o menino da história não é? E também nem me conhecem! Que feio, eu peço desculpas e digo muito prazer pessoas o meu nome é Amanda..... e vcs! Não vão me falar o nome de vcs não? Quando uma pessoa se apresenta a outra se apresenta também. Já sei, vou fazer o seguinte: quando eu contar até 3 cada um de vcs vão falar o nome de vcs bem baixinho pois eu vou conseguir ouvir com o meu coração, isso mesmo! Eu consigo ouvir com o meu coração. Então vamos lá, prepara, é 1 é 2 é 3 e já! Muito bem, oi Pedro, oi Carol, tem um Gabi aí também.

Mas vamos ao que interessa, pois eu vim até aqui hoje para contar a história do menino que dormia, adivinhem... ele dormia na cama, não!!1 na barraca?? Não!! Na cozinha?, no banheiro? Não!! Ele dormia dentro do seu chapéu, é isso mesmo! Dentro do seu chapéu. Como era possível?? Ah gente no mundo das histórias e dos sentimentos tudo pode acontecer.

Acontece que um dia, na verdade já era noite, e como de costume, quando dava umas 9 da noite e o menino já estava cansado de ter brincado o dia inteiro, ele ia dormir, mas antes ia se despedir de cada um que morava com ele na sua casa. Ele se despediu mãe (chapéu da mãe) Ah meu filho dorme bem meu querido e vê se dorme logo, não fica jogando joguinhos no celular hein, aiaiai, amanhã é dia de aula! Dá um beijo aqui.

Despediu da sua avó – Boa noite meu neto, que Deus te ilumine, te aguarde, te fortaleça e te proteja nos braços de Jesus e de nossa senhora aparecida rogai por nós, fala amém menino!

Despediu da sua irmãzinha que nem falava ainda, e agora como eu faço eu faço a bebezinha? Ahhahah

Despediu das suas duas aranhas de pelúcia, aranha era de pelúcia gente, não fala

Despediu do seu gato o Solano, o gato é fácil, alguém quer fazer o gato! Miau

E por último se despediu da sua tartaruga, isso mesmo ele tinha uma tartaruga, que sei lá porque apareceu na casa um dia e acabou ficando pra curar uma bronquite. Como é que faz tartaruga gente? Ninguém tem tartaruga aqui não?

Enfim, depois de se despedir de todos, o menino entrou no seu quartinho e foi direto no local que sempre deixava o seu chapéu, mas ele não estava! Ele não estava!

Na mesma hora o menino sentiu uma dor aqui no peito, dessas que a gente sente quando tem a sensação que alguma coisa está estranha.

Começou a procurar em tudo minha gente, no meio das roupas, embaixo do colchão, atrás da cortina, dentro das fronhas, no meio dos livros, dentro das gavetas, fora delas, e nada... o menino tentou mas não conseguiu segurar o choro que vinha de dentro. (choro)

Gente um choro desse, rápido se espalhou pela casa inteira.

Mãe com a criança nos braços- Jesus, Maria e José, o que foi isso gente! Vc tá bem menino que aconteceu, a criança até acordou também e está chorando, (para a plateia) vc machucou menino, pesadelo foi. Foi o que o chapéu, oh chapéu sumiu, ah meu filho venha aqui.

É incrível, que mesmo depois de grande o colo de mãe é sempre o melhor carinho. Assim o menino se acalmou um pouco e pode explicar para todos, quer dizer quase todos, já estava ali a vó e o gato Solano com as duas aranhas na boca.

(soluçando) é que o meu chapéu sumiu e eu não consigo dormir sem ele.

Criança faz muita birra não é, as vezes chora e não cai uma lágrima, só faz barulho. Mas aquele choro era choro sentido e todos da casa sabiam que para o menino aquele chapéu não era qualquer chapéu, foi então que a mãe dividiu todos os moradores da casa.

Mãe – Atenção (apito) Vovó a senhora vai procurar na cozinha, vai que o chapéu estava com fome e foi parar lá. Gato Solano você vai procurar lá fora, no quintal, em cima dos muros, ah e aproveite e leve as aranhas com vc para que elas te ajudem a procurar nos cantinhos onde vc não alcança. E eu vou levar a bebê para dormir no quarto e fazer uma busca por lá, vc menino continue procurando por aqui e fique tranquilo que nós vamos revirar essa casa para procurar o seu chapéu e se caso ele tenha pegado uma carona com o vento para algum lugar, pode ficar tranquilo que vamos encontrar. Agora limpe esse rosto que o seu chapéu não gostaria de ter ver tristonho assim.

O menino então respirou fundo, afastou o medo da perda e inflou o peito de esperança. E começou a revirar o quarto de cabeça pra baixo, mas de repente!! Veio um som do lado de fora do seu quarto, o que será que era? O barulho foi chegando perto, e alcançou a porta do seu quarto e o menino foi abrir para ver o que era... era a tartaruga, que só agora tinha chegado e não sabia nada o que estava acontecendo. Coisa de tartaruga!

Tartaruga- eu ouvi um barulho, está acontecendo alguma coisa menino?

O menino então explicou que foi o chapéu dele que tinha sumido e pediu pra tartaruga procura-lo nos rodapés e também no banheiro pois ninguém tinha procurado lá.

Tartaruga- ahhh pode deixar menino, eu vou agora mesmo, vou correndo.

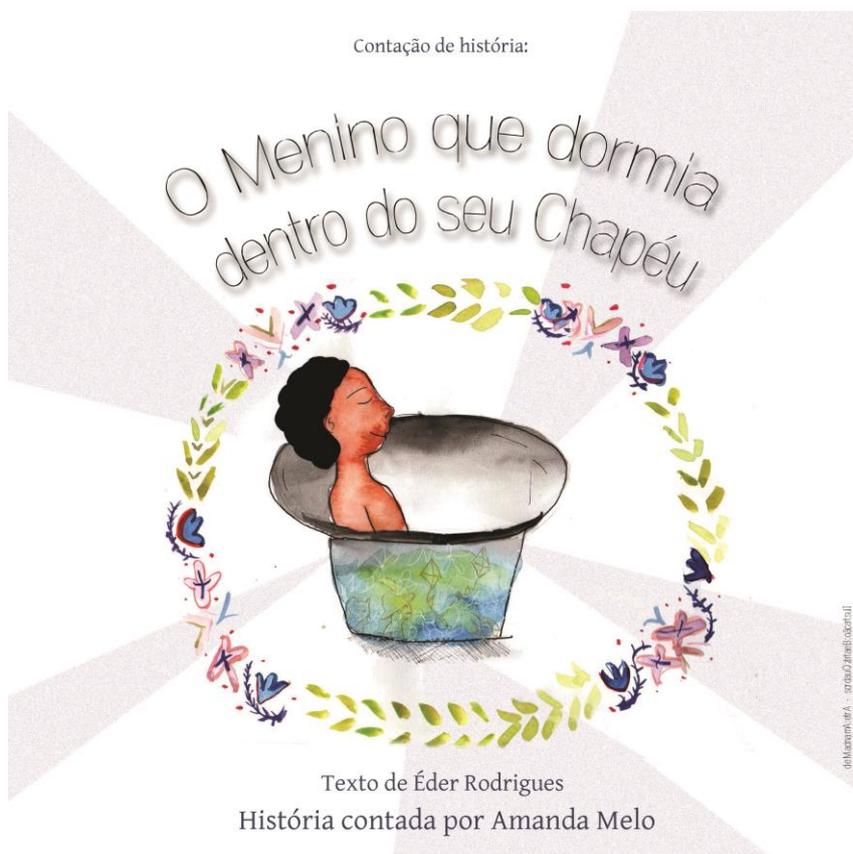
Enfim, todos da casa mobilizados para encontrar o chapéu. Vcs devem estar se perguntando o que que esse chapéu tinha de tão especial não é? Acontece que na verdade as pessoas são muito simples, e são pequenas coisas que fazem nosso coração sorrir, e muitas vezes algo que pra vc aí não faz diferença, pra mim pode ser muito importante. E o chapéu, não era só um chapéu no universo do menino. Toda noite o menino dormia dentro do seu chapéu, vcs podem ainda não entender como é que isso é possível, como é que se dorme dentro de um chapéu?? Acontece que há coisas que realmente são inexplicáveis.

Vamos fazer um teste, todo mundo vai fechar os olhos e pensar numa coisa que vcs mais bem querem no mundo. Pensou? Agora imaginem de repente, sem motivo, essa coisa bem longe de vcs? Podem abrir os olhos, esse sentimento aí é o mesmo que o menino sentia por estar longe do chapéu.

Passaram 5 minutos, 10 minutos, 15 minutos e nada de ninguém da casa encontrar o chapéu. O menino resolveu deitar pra ver se conseguia dormir sem ele, fechou os olhos e se concentrou – dorme dorme dorme dorme, contar carneirinho dá certo, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10!! Ahhh não ia dar certo, acontece

APÊNDICE B – Projeto divulgado por meio eletrônico para apresentar o trabalho aos clientes.

Contação de história:





O Menino que dormia
dentro do seu Chapéu

Direcionada ao público a partir de 6 anos

Contação de história com duração de 35 minutos

Uma atriz/contadora de histórias em cena

Recurso técnico de microfone e caixa de som

Sinopse



Tudo começa quando o menino percebe que perdeu o seu chapéu, porém não é um chapéu qualquer, sem ele o menino não consegue dormir. A busca pelo chapéu mobiliza à todos da casa: mãe, irmã, avó, gato e tartaruga.

Durante a busca o menino começa a pensar a respeito do real significado do chapéu e se recorda inclusive da primeira vez que dormiu dentro dele.

Quando o menino se dá conta que todos da casa, todos que ele ama, estão empenhados em ajudá-lo pois também o amam, ele percebe que é capaz de dormir sem o chapéu, afinal todas da casa ainda estão ali com ele e as lembranças referentes ao chapéu continuam vivas no seu coração



Com o chapéu metaforizando a ausência de um pai, a história fala sobre perda e morte de forma leve e poética, mostrando às crianças e até aos mais crescidinhos como lidar com as perdas que a vida nos surpreende.

Sobre a atriz



Amanda Melo tem 29 anos e é bacharel e licenciada em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Atriz desde os 12 anos de idade, há 4 anos dedica o seu trabalho exclusivamente às crianças realizando espetáculos teatrais e contações de histórias.

Atualmente é discente no curso de especialização *latu sensu* em Linguagens artísticas, cultura e educação no Instituto Federal do Rio de Janeiro, focando sua pesquisa em teatro infantil e em contação de histórias.

Como resultado da pesquisa, a atriz objetivou realizar uma contação de histórias para o público infantil com a temática de perda/morte.

Assim surge a contação de história O menino que dormia dentro do seu chapéu, um texto do poeta, ator e dramaturgo mineiro Éder Rodrigues.



Ficha Técnica

Contadora de história: Amanda Melo

Adereços: Mati Lima

Ilustrações: Beatriz Quadros

Arte: Amanda Melo

Produção: Amanda Melo e Arrastão de Ideias



Contato

Email: amandameloatriz@gmail.com

Telefone: 21-979806858

Facebook: Atriz Amanda Melo

APÊNDICE C – Folder.

ANEXO A – Algumas fotos das apresentações.



Foto 1 – Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 2 – Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 3 – Autoria de Rodrigo Fleck

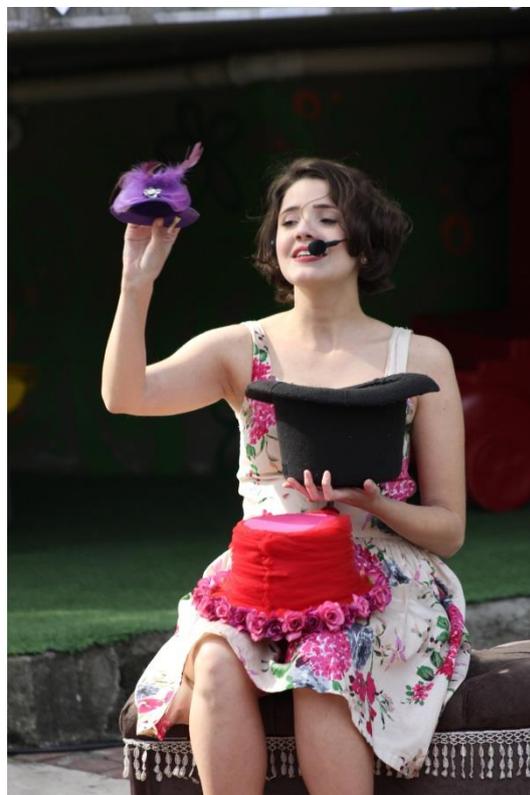


Foto 4 – Autoria de Rodrigo Fleck



Foto 5 – Atria de Rodrigo Fleck



Foto 6 – Atria de Rodrigo Fleck

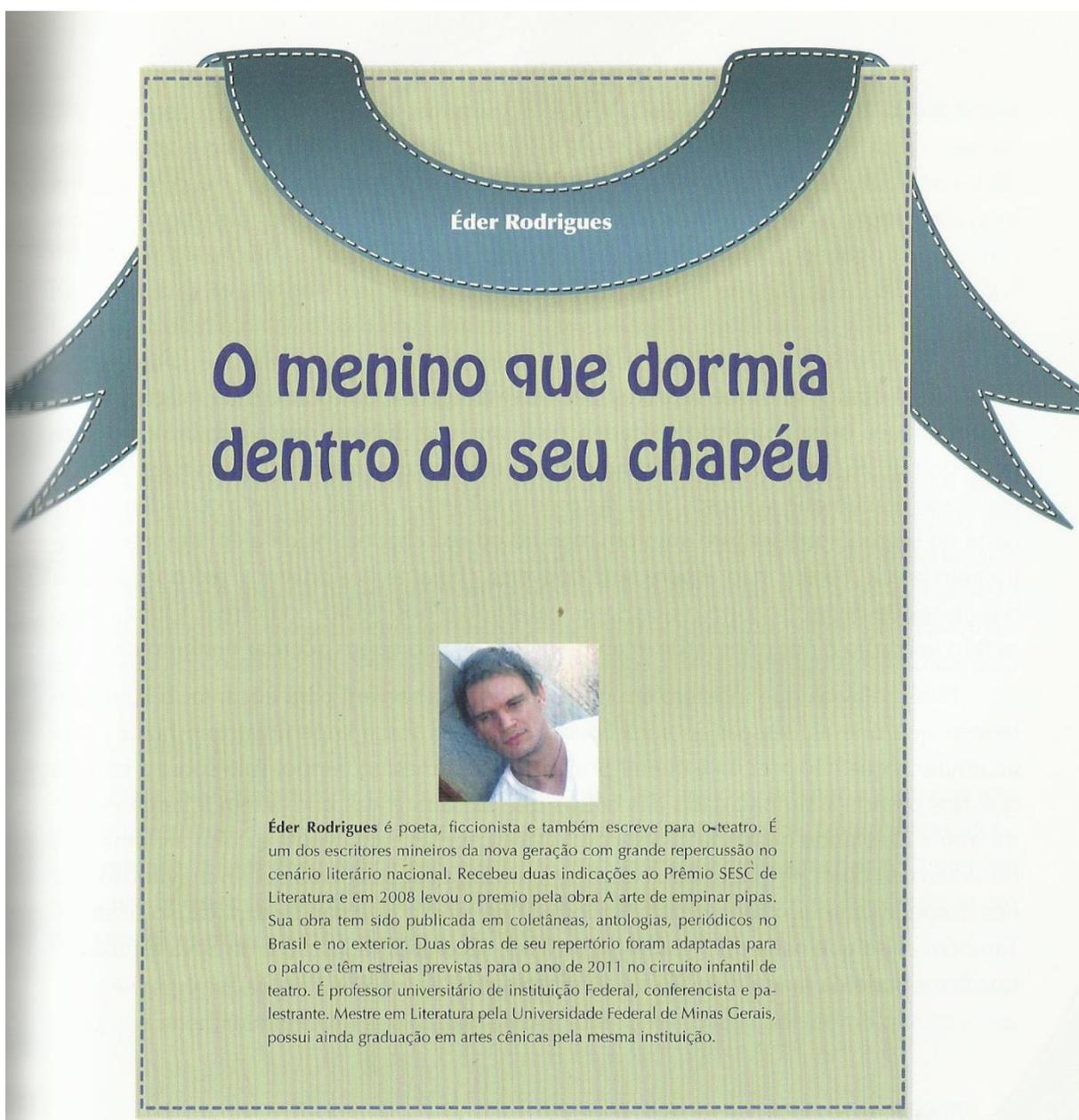


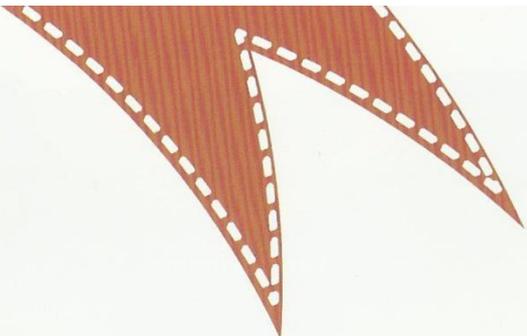
Foto 7 – Atria de Rodrigo Fleck



Foto 8 – Atria de Rodrigo Fleck

ANEXO B – Texto Original do autor.





N

ão sei direito se o que sopro no seu ouvido agora é um número de mágica tirado de um chapéu ou se, ninando verdades, é só uma voz distante que ainda brinca de me fazer dormir. As coisas do mundo me confundem de tal maneira que, às vezes, acordo assustado e acho que já cresci. Seja lá como o sol se pôr, saiba que esta confiança faz parte do segredo que sempre uniu um menino ao seu chapéu. Nada além do que o sentimento preza. Porém, não espere uma conversa cheia de ilusionismos, até porque falar das coisas de dentro socorre o que parece absurdo e nos desata como real. Outra coisa, se falo baixinho é por estar tarde e também porque não quero acordar nenhum chapéu.

Estas palavras que insistem em me fazer sombra servem para encantar o laço misterioso que une as pessoas às suas coisas. Não essa força superficial que faz a gente acumular o que não precisa e querer possuir tudo ao mesmo tempo. Falo sobre a energia que nos prende à simplicidade das coisas que existem e das que fazem a gente existir, mesmo não estando ou ainda não sendo. A força que acalanta gente e coisa até uma morrer dentro da outra. Prometo não delongar com explicações demais. O maravilhoso que nos desperta entre um sono e outro escorrega de tudo o que não se explica, só se sente. Também aviso que nada disso é uma lição a ser decorada. Talvez só uma nova brincadeira a fazer parte da nossa coleção de meninices.



Começo, então, pela noite em que o menino chegou ao seu quartinho que ficava nos fundos e pela primeira vez não achou o seu chapéu. Vale bocejar que o menino entrava no quarto sempre que pressentia a noite meio cansada. Naquele dia, não foi diferente. Já passava das nove e ele tinha inventado todas as brincadeiras impossíveis para um dia só. Despediu-se então da mãe, da vózinha que tricotava o domingo nas agulhas de lã, da irmã menor que ainda não falava, da tartaruga que um dia apareceu do nada e ficou para ajudar na cura da bronquite, das duas aranhas de pelúcia e do gato Solano que se preparava para sumir. O menino foi direto para o quartinho e, quando abriu a porta para se unir ao chapéu, viu que ele não estava na posição de sempre: aquela em reza, sono e no meio dos travesseiros.

O menino imediatamente teve um aperto no peito. Desses sopros que criança sente quando sabe que alguma coisa estranha aconteceu. Procurou debaixo das roupas, por dentro das fronhas, embaixo do colchão, atrás da cortina, no escuro do armário, nos cantos de si, em meio à bagunça, perdido nos livros, nas gavetas e fora delas. Nada do chapéu. Nenhum vestígio, nenhum rastro para seguir. O menino entrou em desespero e não segurou o choro incontável que veio de uma vez e alastrou rapidamente pela casa toda.

– Calma, menino. Calma! O que houve?

Era a mãe desesperada que, com a menorzinha nos braços, adentrou o quarto. Entrou e perguntou o porquê do choro que emendou na irmãzinha de tabela. Logo atrás, em comitiva, foram chegando a avó e Solano, com as duas aranhas na boca. O menino tinha um berreiro incontido, como se tivesse perdido importâncias e o chapéu fosse um dos seus bens mais preciosos. E era.

As lágrimas só diminuíram quando a avozinha pousou a cabeça dele no colo da mãe, que imediatamente foi acalmando-lhe as sensações. Engraçado como que as mães

nunca esquecem o jeito de ninar. Já notaram que, mesmo depois que a gente cresce, deitar no colo continua sendo o melhor dos carinhos? Foi assim que o menino, em soluços, fechou os olhos e enchapelou os motivos:

– É que o meu chapéu sumiu. Não consigo dormir sem ele.

Em outros tempos ou em outros lugares, o choro poderia ser confundido com uma birra, capricho ou qualquer uma dessas manhas que nós crianças sabemos fazer como ninguém. Mas, aqui não era. Todo mundo ali sabia que aquele chapéu não era qualquer chapéu. Foi por isso que, imediatamente, a mãe dividiu todos os moradores da casa. Cada um ficaria responsável pela busca do chapéu em algum cômodo. A avozinha procuraria na cozinha. Alguém poderia ter levado o chapéu pra lá e distraidamente ter esquecido em cima de alguma coisa, em algum canto, ou, talvez, ele estivesse dormindo por entre os temperos daquela banda. Solano ficaria responsável pelas áreas externas. Como adorava miar pelos muros e telhados a madrugada inteira, era o mais indicado para vasculhar cada bequinho daquele universo de quintal. Levaria as aranhas como sentinelas para espiarem os vãos e os lugares onde bichano não entra.

– Pode ficar tranqüilo, menino! Logo a gente encontra o seu chapéu. Ele não pode ter saído daqui e se, por acaso, pegou uma caroninha do vento para algum lugar, pode ter certeza que um de nós vai encontrá-lo. Com esse mutirão ficará mais fácil. Vou fazer sua irmãzinha dormir e procurar no nosso quarto. Enquanto isso, você olha aqui de novo, vasculha em todo lugar, vai que ele esteja brincando de esconde-esconde aqui no quartinho mesmo. Agora, limpa o rosto que seu chapéu não gostaria de te ver tristonho desse jeito.

Assim que a mãe saiu, o menino foi acariciando o medo da perda e alegrando as possibilidades do encontro. Ele ia, naquele mesmo instante, virar o quarto de ponta-cabeça, quando ouviu um arranhão na porta. Era a tartaruga que só agora tinha conseguido

chegar e não sabia nadinha do que tinha acontecido. Coisas de tartaruga! Ele, então, esboçou um risinho de cumplicidade, abaixou-se próximo ao casco dela e contou tudo:

– O meu chapéu sumiu. Mamãe dividiu todo mundo para procurar. Você poderia olhar nos trilhos de rodapé e depois espiar no banheiro, porque lá não foi ninguém. Faz isso por mim?

Nem precisou pedir de novo. A tartaruguinha já começava a se virar para iniciar as buscas. Até esfregou as patinhas para ganhar mais velocidade. No fim, todo mundo estava determinado a, mais cedo ou mais tarde, desvendar o paradeiro do chapéu e devolver o sono ao menino.

Você deve estar se perguntando: o que tinha de tão especial o tal chapéu? Pois é, a verdade, sem segredos, é que as coisas e as pessoas são simples nas suas maneiras de existir. O que dá especialidade a tudo que habita esse mundão de Deus é a relação que se aquece entre um e outro. E, nesse sentido, aquele chapéu não era só um chapéu dentro do universo do menino. Para ele, o chapéu tinha carícia, o aveludado dos sonhos e a presença que lhe devolvia abraços. De dia, o menino inventava qualquer sentimento às custas do chapéu. De noite, era o chapéu que fazia o menino dormir. Você pode não estar entendendo ainda como é que um chapéu pode fazer alguém dormir. No começo, eu até brinquei de soprar, mas não deu tempo de continuar. Siga sabendo que as coisas inexplicáveis são as de que a gente sente mais falta quando não tem. Parece difícil, mas é só fechar os olhos e pensar na coisa que você mais quer bem no mundo. Fechou? Pensou? Agora, imagina, por qualquer motivo, essa coisa longe de você. Imaginou? Era isso que o menino sentia. Falta. Havia um vazio entre a presença do menino e a ausência do chapéu.

Enquanto a avó procurava na cozinha derrubando as panelas, batendo todas as portas do armário, o menino se viu na primeira noite que dormiu dentro do chapéu. Foram

horas custosas de passar. Todo mundo na casa dele tinha chovido tanto que não havia sobrado nenhuma força para fechar os olhos. E noitinha, o menino tinha perdido o sono. Foi quando se deparou com o chapéu do seu lado esquerdo, bem onde batia apressado o coração. No começo, nem deu importância para o chapéu ali deitado. Mas, depois, quando se perdia nos carneirinhos que inventava no teto, sentiu uns arranhõezinhos de lado e percebeu que era o chapéu. Aos poucos, foi se virando e, quando viu, apertava-o forte num abraço de susto. Abraçado ao chapéu, o menino ouviu um leve “Durma bem!”. A voz parecia com a de alguém que ele conhecia. Depois, se convenceu de que era a voz do chapéu mesmo e foi dentro dele que o menino cochilou. Nunca soube dizer detalhes daquele som, nem que força misteriosa o fazia escutar aquela voz, com a qual passou a dormir infâncias inteiras. Não era capaz de dizer direito como era o chapéu por fora, seus detalhes e aparência. Mas sabia que, por dentro, longe da lógica dos enfeites e das estampas, o mundo parecia seguro no colo do chapéu.

– Miauuuuuuuuuu! Miauuuuuuuuuu! Miauuuuuuuuuu!

A barulheira de Solano que mais parecia uma mistura de miado com latido interrompeu o menino. Os rebuliços do gato nos extremos do quintal também não sinalizavam nenhuma descoberta. Ainda assim, escutavam-se latas caindo, arranhões na laje, passos no telhado e dava pra imaginar as duas pelúcias arranhando cada pedacinho daquela procura. O menino até riu quando um estrondo maior se fez ouvir. Com certeza, era outro dos tombos que Solano levava pelas noites afora. Com o olhar fixo onde ficava o chapéu, o menino logo perdeu o sorriso quando recapitulou que sem ele seria impossível dormir. Desde que ele tinha adormecido a



primeira vez dentro do chapéu, não parou mais. Dormindo lá dentro, ele percebeu que podia inventar ou esquecer qualquer coisa que empurrasse o sono para perto. Foi na falta de alguém para contar histórias que o menino começou a arrancar, de dentro do chapéu, a calma e a fantasia necessárias para dormir. E não era passe de mágica. A gente sabe que, perto da imaginação, a mágica fica pequenininha. Esse não era um chapéu mágico, mas o menino inventava dele abas longínquas, viagens pro interior de tudo o que parecia longe. Fora as brincadeiras listradas que lhe davam vertigens de tanto sentir. A rotina era simples e valiosa no jeito de se reinventar o mesmo. O menino entrava no quarto, pegava o seu chapéu, testava a proximidade do sono, tirava dele uma história inventada e vivia nela até que, despercebidamente, se esquecia sonolento dentro dele. O chapéu era a coberta do menino, o castigo para quando ultrapassava as cercas da infância, o calor da lembrança que manchava as roupas com as mangas do quintal. Ele não servia na cabeça do menino e os espaços que sobravam eram preenchidos com as histórias sem pé nem cabeça que inventavam juntos. E não tinha abracadabra nem qualquer outra palavra encantada. Para tirar o impossível de dentro do chapéu, o menino contava era com as estripulias de criança.

O choro da irmãzinha no quarto da mãe freou o menino no seu pensamento que voava lá para trás. A noite seguia com todo mundo iluminando cada parte daquela morada com a luz forte do desejo de encontrar. Sozinho no seu quarto, o menino começou a ficar admirado com tanto coisa que vinha na sua cabeça, mesmo o seu chapéu não estando. Sorriu de todos os inventos que o chapéu já tinha soprado e de como acordavam por causa das histórias que só os dois conseguiam. Uma vez, amanheceu debaixo da cama e o chapéu espiando a porta. Outra vez, o chapéu voou até a janela e se molhou do tanto que riu do ronco baixinho que o menino ainda jura de pé junto não ser dele. O quarto era o esconderijo onde só os que dividem segredos são capazes de não esquecer. Ali, o menino não era um menino só e o chapéu não era só um chapéu. Uma vez, o me-

nino acordou pendurado feito chapéu e o chapéu despertou deitado igual menino. Outra vez, a avó abriu a porta bem cedinho e ficou admirada quando viu o menino dormindo dentro do chapéu. Depois, perguntou como é que acontecia tal mágica e o menino respondeu: – Coisas de criança e de chapéu, vó. A senhora está crescadinha demais para entender.

No quarto onde a menorzinha enfim cessava o choro num soninho de neném novo, a mãe passava a revirar esquecimentos. Sabia que era impossível o chapéu estar ali, mas, ao mesmo tempo, era tão importante para o menino que ela mesma se fazia acreditar que em algum lugar de si, no meio das fotografias ou no cheiro das coisas guardadas, o chapéu estaria. Procurá-lo era um exercício que lhe trazia preocupações de mãe. E isso dispensa explicações, porque nem elas sabem dizer, só sentir. Talvez por isso ela tenha sentado ao pé da cama e, com a feição apreensiva do menino martelando na cabeça, tenha chovido um pouquinho antes de continuar.

No fundinho do quarto onde o menino crescia, só havia espaço naquela noite para tudo o que vinha na sua cabeça como se tivesse uma aba circular fazendo o mundo, a memória e o sentimento rodar. Depois que o menino percebeu que o chapéu era amigo inseparável do sono, além de fazer o quarto voar quando quisesse, não o tirou mais da cabeça. Ficava com o chapéu todo o tempo que podia. Quando ia pra escola, não o levava, claro. O chapéu também saía para trabalhar, atrasava de vez em quando, mas, quando chegava a hora crucial do quarto, ali se encontravam os dois, prontos para tudo o que se podia inventar entre um menino e o seu chapéu. Verdade que o chapéu não era colorido, nem muito novo. Mas quando se fechava os olhos, ele até parecia gente. Engraçado como as coisas, às vezes, existem de uma maneira tão real que parecem ter um coração de verdade soprando em alguma parte delas.

A noite passava e, embora fosse possível ouvir o barulho de todos procurando, nada do chapéu aparecer. O menino, então, recomeçou sua busca. Começou a procurar

dentro dele mesmo, a dobrar as coisas misturadas, a separar cada partezinha da sua banguça. Como é que podia o chapéu desaparecer assim do nada? O menino até pensou que ele podia ter dado uma volta, mas a janela estava fechada e não havia nenhum bilhete avisando. Será que andava com essas febres da paixão e saiu atrás de uma chapeleta, dessas cheia de flores e enfeites? Os fantasmas do esquecimento começaram a surgir junto com a noite que ia. No seu esforço de menino, deitou-se na cama e um montão de coisas voltou a rodar na sua cabeça: o lugar onde o chapéu repousava, uma voz rouca inventando castigos, alguém entrando de fininho no seu quarto e deixando o chapéu como presente no dia em que fez anos. Sentiu o mesmo beijo de parabéns, o corpo girando feito roda-gigante e a vida parecendo um parque de diversão. Lembrou do chapéu, do aniversário, das manias de estimação, da porta do quarto se fechando lentamente e ele agradecendo o presente com um “Até amanhã, pai”.

Por um instante, o quarto ficou deserto e vazio de qualquer pista capaz de desvendar esconderijos ou reencontros. Por um momento, nenhuma brincadeira pareceu engraçada, dormir soava difícil, o abraço esfriou como sorvete e uma lágrima quis pingar a força de um mar inteiro no rosto apreensivo da criança. O choro engasgado já ia desabar quando a lembrança do pai surgiu num porta-retrato emoldurado em forma de chapéu. Foi quando todos retornaram de suas buscas com as mãos abanando a falta de surpresas.

O menino foi tomado pela presença de todos. Pareciam ansiosos em propor novas buscas ou outro jeito de encontrar o chapéu. A avozinha começou a fazer promessa para São Longuinho. Ele ajuda a gente a encontrar coisas perdidas e, em troca, a gente lhe oferece três pulinhos. Só que a avó começou a pagar a promessa antes mesmo de achar o chapéu. Começou a pular uma, duas, três, quatro. Não parou mais de pular dentro do quartinho.

O gato Solano veio trazendo uma folha de papel de pão na qual tinha riscado com as patas imundas do lá fora uma espécie de retrato inventado do chapéu. Miando e la-

tindo ao mesmo tempo, ele explicou, que com a foto do chapéu pregada em todos os cantos, logo chegariam notícias. As aranhas escreveram em forma de teia um anúncio embaixo do retrato inventado: PROCURA-SE ESTE CHAPÉU. CASO ENCONTRE, DEVOLVER AO MENINO. RECOMPENSA: UM SONO BOM! Elas não terminaram de escrever o anúncio porque, no final, as teias foram emaranhando e tudo virou um grande nó.

A menorzinha tinha dormido mesmo. Decerto, tinha percebido que, ficando quieta, não atrapalharia as buscas, já que as palavras ainda não viviam no corpo dela. A mãe também estava ali, olhando fixo para o menino que começava a esboçar a curva de um sorriso. Por um momento, ele olhou cada um e o quarto se preencheu daquela preocupação, daqueles esforços, daqueles cuidados tão presentes. A avó ainda não tinha dormido, continuava pulando sem parar. E olha que sono perdido só aumentava seus reumatismos. Solano, que não passava uma noite sequer em casa, estava ali, ajudando no que podia e ainda levando as aranhas pra baixo e pra cima, prontas para tramar qualquer teia e ultrapassar os limites da pelúcia. Pensou no chapéu e lembranças foram cobrindo o seu corpo franzino e o olhar longínquo. De alguma forma, sentiu que o chapéu estava ali, no meio de todos eles. Mesmo ele não estando, a lembrança o trazia de volta e essa mágica típica do real lhe deixava calmo. O menino nem explicou muito dessas descobertas. Coisa de criança é melhor ficar escondida dentro delas. Agradeceu um a um e então, para surpresa de todos, disse que não precisavam se preocupar, que, decerto, o chapéu teria só dado uma saidinha e, mais cedo ou mais tarde, voltaria.

A certeza de que a distância se encurtava com a presença e a preocupação de cada um dos outros que ali estavam foi preenchendo o menino de uma maneira que ele jamais sentiu. De repente, ele percebeu que a força interior que todo mundo colocava no chapéu fazia com que ele estivesse. Nem eu, nem o menino saberíamos dizer se era a força da tal lembrança, o aperto inconfundível da saudade ou os olhos de todo mundo ali da casa lhe dando a importância e a pertura que ele, antes, só sentia junto com o chapéu.

Pra variar, não tem como explicar direito, mas a sensação do menino era mais ou menos a do conforto em estar deitado em um colo num dia de chuva ou a de vários abraços substituindo um outro que se foi. Ninguém entendeu muito bem, mas ficaram satisfeitos quando o menino abriu um bocão desse tamanho e dormiu.

Então, a mãe abençoou o filho com um beijo, a avó foi pulando colocar o camisolão, as duas aranhas e Solano levemente bateram a porta para não acordá-lo. Num sono ainda acordado, o menino apertou a lembrança na altura do peito e sorriu satisfeito quando emoldurou a feição de todos lá da casa dentro da infância que sumia nele. A tal lembrança era capaz de fazer o chapéu estar, mesmo não estando. Naquela noite, o menino dormiu não só com o que lembrava do chapéu, mas também com tudo que o real preenchia com os outros ao seu redor. Último barulho na porta. Era a mãe que voltava para apagar a luz.

Caso não fosse tão tarde, talvez eu até continuasse, mas depois que o menino dormiu começou a me invadir um bocejo enorme de sono. Se não fosse por um barulhinho estranho vindo lá de dentro da casa, me entregaria agora mesmo a ele. Psiu! Senão, acordamos o menino dentro do quarto! Psiu! Senão, acordamos o menino dentro da gente!

Só sei que a noite brincava de insônia para não dizer adeus e, no escuro, a tartaruginha vinha no seu jeito de entender a pressa, trazendo o chapéu que ela tinha encontrado no canto do banheiro. Andava apressada, naquele leve barulho, uns dois quilômetros por milímetros de vagareza. Só pensava no menino, na felicidade dele quando reencontrasse o chapéu. Mas, ela ainda demoraria léguas de histórias para chegar.

Na noite em que a tartaruga chegasse, seria o chapéu que dormiria dentro do menino.